

Joelmir Beting

"Em teoria econômica, o que não é óbvio quase sempre é besteira."

Mário Henrique Simonsen, economista e engenheiro.



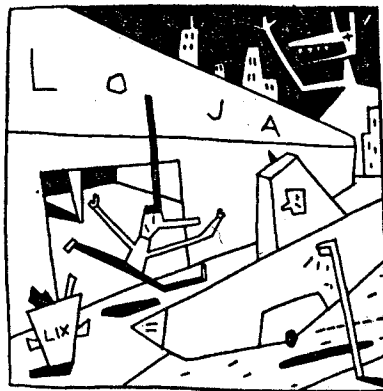
ESTADO DE SÃO PAULO *Burrice em bloco*

Fábricas e lojas pisaram na bola murcha no mês de maio. Elas recepcionaram a volta do filho pródigo, o consumidor, com um festival de remarcações abusadas. Resultado: finalmente escoado, o consumidor volta a refugiar-se nas casamatas da caderneta de poupança. Declinam as vendas dos bens de consumo da classe média ainda arrochada: eletrodomésticos, calçados, confecções, alimentos industrializados e produtos de higiene e limpeza. O primeiro levantamento dos estragos é da indústria de calçados: em maio, sobre abril, queda de 45% nas vendas.

□□□ Cultura inflacionista é apelido. Certos agentes econômicos, imediatistas ou ignorantes, pensam que vender mais é lucrar mais por unidade de produto e não por volume da produção. A ordem da Lei de Gerson é ganhar mais sobre cada vez menos... Estamos condenados, irremediavelmente, ao purgatório da estagflação?

□□□ Inflação de demanda coisa nenhuma. Mercados civilizados expandem-se com preços bem comportados. Isso acontece hoje no Chile, no México, na Malásia. Ou na Tunísia, com pinta de tigre árabe. No Brasil, já tivemos PIB de 14% com IGP de 16%. Sim, ao ano.

□□□ Depois de sete anos de desastrosa intervenção estatal, o mercado brasileiro não mais sabe andar com as próprias pernas ou bater as próprias asas. Ele precisa, com urgência, de um generoso safanão: um choque de competi-



ção. Que seja de fora para dentro, com a infiltração dos importados. A barragem tarifária vai experimentar nova rebaixada no mês que vem.

□□□ A ruptura das forças naturais do mercado também guarda relação com o uso e o abuso da indexação. A tal de inflação inercial, menosprezada por economistas monetaristas, é um carão bem maior do que o abacate. Os preços continuam sendo remarcados a cada 30 dias (no máximo) pelo índice da inflação passada e não pelos avanços ou recuos da demanda.

□□□ Essa prática exótica explica, por exemplo, a caprichosa remarcação mensal dos automóveis. Todas as montadoras reajustam preços nas mesmas datas e pelos mesmos índices. Nem o CIP, de triste memória, ousou cartelizar esse mercado com tamanha alegoria.